

Soluções que devem ser adotadas

Primeiramente, o panorama é algo confortador porque apresenta, para o final da década, situação um pouco melhor em relação à de 1982-1983. Entretanto, é preciso notar que:

— Voltar a uma relação de dívida da ordem de grandeza daquela de 1981 não será suficiente. É verdade que, diante da melhoria dos balanços de pagamentos e de alguns dados estruturais, este fardo poderá ser melhor suportado. Mas resta o fato de que uma proporção de dívidas excedendo a 20% é considerada como taxa crítica, exigindo medidas de saneamento urgentes e adiando, mais uma vez, a prática de política de crescimento mais rápida e mais orientada para a melhoria das capacidades produ-

ivas e condições de vida das populações.

— Apesar de o objetivo do processo de “desendividamento” presentar-se relativamente modesto, as chances de atingi-lo são, parentemente, pequenas. A realização de cada uma das dez condições certamente não é impossível. Por outro lado, acredita-se que grandes esforços serão empreendidos nestas direções. Entretanto,

os festas direções. Entretanto, acreditamos seja bastante duvidoso o preenchimento de todas as dez, em conjunto. Neste caso, uma pergunta se impõe: assim sendo, o que irá acontecer? Tentando obter respostas, o FMI testou algumas variáveis. A conclusão é simples: os resultados obtidos neste panorama serão dependentes das hipó-

eses-chave (taxa de crescimento dos países industrializados, nível das taxas de juros, disponibilidade e financiamentos exteriores e políticas de ajustamento). Afastamentos em relação a estas hipóteses colocarão em perigo as tentativas feitas pelos vários países em desenvolvimento de recuperar o controle de sua posição exterior e uma taxa de crescimento míima.

Infelizmente, se verificarmos alguns estudos mais recentes, principalmente os da OCDE, as chances de se concretizarem as hipóteses, em matéria de taxas de juros e de crescimento nos países industrializados, são as mais frágeis.

As próprias condições relativas
os países em desenvolvimento pa-

cem igualmente caprichosas. Se válido imaginar que eles podem manter, durante longos períodos, um esforço de ajustamento, o custo humano é, na maioria das vezes, muito alto? Conseguirão os países, sem crise política e institucional de proporções maiores, empreender esforço de tais proporções, unicamente com o objetivo de honrar seus compromissos de vida exterior, com a perspectiva

E é necessário reconhecer: esta perspectiva modesta de saída da crise, não incorporando melhoria sustentável da contribuição dos países industrializados, deverá, para atingir seu objetivo, apoiar-se sobre

imulação pouco provável de grandes fortunas. Sem este consenso favorável de circunstâncias a situação desembocará no desenajamento de alguns, na estagnação econômica e instabilidade política de muitos, declínio generalizado, fora de alguns pólos privilegiados.

Se se pretender evitar que isto
inteça, se se julgar insuportável
perspectiva de estender-se até
ados dos anos 90 o momento em
e os países em desenvolvimento
lerão sonhar com uma melhoria
itada das condições de vida de
população, através da applica-
ção de uma porção suficiente de
s recursos, será indispensável
roveitar a trégua atual para defi-
as mutações necessárias.

Tentar definir estas mudanças
icas é, ao mesmo tempo, fechar
portas para os sonhos da gene-
diade e para a autocensura do
cismo. Sem dúvida, trata-se de
exercício arriscado mas, diante da
ação, inadiável.

Procurando não ser exaustivo, tar-me-ei a propor três delas, ora sabendo que talvez não se suficientes ou, ainda, estejam quadradas no contexto das duas sibilidades a evitar, expostas na Em resumo ei-las:

— generalizar a disciplina de
tamento:

— utilizar plenamente todos os
instrumentos financeiros exis-
tes;

— reativar a prática do diálogo.